

# **TORNA-TE QUEM ÉS: COMO OS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO NARRAM O SEU PROCESSO DE TORNAR-SE QUEM SÃO.**

Bruna Mércia de Melo<sup>1</sup>  
Karina Mirian da Cruz Valença Alves<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho provém da curiosidade acerca do processo do ser humano tornar-se quem se é no que se refere ao seu processo formativo, buscando compreender como as relações sociais e educativas contribuem para esse processo de formação tanto profissional quanto pessoal e também como sua subjetividade é construída através das múltiplas relações que levam os sujeitos a se tornarem quem são, inquietação atrelada à busca de investigar o que leva o sujeito a escolher determinada profissão. Assim, foram feitas entrevistas com três professores da UFPE a fim de conhecer o relato dos mesmos acerca da sua formação até se tornarem quem são. Após os dados coletados foi feita a análise narrativa por categorias com base na entrevista narrativa e obtido os resultados.

**Palavras Chaves:** tornar-se; formação; subjetividade; sujeitos; profissão.

## **1. INTRODUÇÃO**

Conhece-te a ti mesmo?

O aforismo grego atribuído a Sócrates (470 A.C), muito conhecido do ramo da filosofia clássica, traz uma reflexão acerca de como os homens têm empreendido uma longa jornada à procura de um discurso que forneça sentido à própria existência. A célebre frase cerca de 600 a 580 A.C na Grécia passa a ser o centro da problemática filosófica em relação ao ser humano como ele se determina diante dos seus múltiplos papéis e desejos.

A auto reflexão trazida pela máxima, na procura do autoconhecimento pode representar, sobretudo que a partir de uma autodeterminação é possível identificar em si quais são os elementos de vocação, ou seja, qual a nossa finalidade, e para sabermos qual a nossa finalidade nada melhor do que nos conhecermos bem, a resposta para a nossa finalidade está naquilo o que há em nós de melhor o que podemos fazer de melhor, quais os nossos dons naturais.

Os desafios do autoentendimento e da estabilização da identidade pessoal estão ligados intimamente à escolha da profissão tornando o homem visível a ele mesmo o que ele pode fazer e com que ele mais se identifica.

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Pedagogia em 2018.2 – Centro de Educação – UFPE: bruna.mercia@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – DMTE – Centro de Educação – UFPE

Destaca-se para isso a importância de experiências formativas escolares e as relações sociais já que ambas contribuem para o desenvolvimento moral, o processo de desenvolvimento do eu e a estabilização de uma identidade pessoal e profissional mais condizente com as exigências da atual vida em sociedade.

O interesse por esse estudo surgiu mediante ao curso das disciplinas da graduação no curso de pedagogia principalmente no que se refere às disciplinas de Filosofia e Psicologia, disciplinas que tratam de questões sobre o ser humano além da participação em um encontro de Filosofia da Educação denominado de “A Filosofia da Educação E Os Desafios Para a Formação Humana”.

Nestas referidas disciplinas que foram ministradas por diferentes professores foram obtidos conhecimentos e levantados questionamentos em relação ao ser humano buscando entender sobre este bem como as múltiplas relações que ele pode fazer na sociedade.

O estudo vem tratar dos desafios da formação da identidade do eu, nesta medida, o presente artigo tem como objetivo geral: conhecer a narrativa dos professores do Centro de Educação acerca do seu processo de se tornar quem são especificamente: discutir o processo de formação ao longo da vida e como a educação e as relações sociais contribuíram para esse processo de formação.

O estudo traz a inquietação sobre a identidade do ser humano, mais precisamente o ser humano na busca da sua identidade, sugerindo que o homem tem uma essência e que é preciso um percurso para levá-lo a sua plena realização, ou seja, a tornar-se quem se é, onde neste percurso cabe fazer um processo de dessencialização para que possa existir um real encontro do homem consigo mesmo, onde cabe no processo desconstruir conceitos impostos para determinar o lugar do homem na sociedade principalmente no que se refere às questões em estabelecer os lugares que são devidos para o exercício de devidas profissões sobre as relações de gênero a ponto de classificar os determinados lugares femininos e masculinos em determinadas profissões. Com isso é possível perceber como o homem a partir desse determinismo pode ser tolhido em buscar seus elementos de vocação visto que o ser humano é um ser diverso com seus múltiplos papéis e desejos e é livre para o que deseja fazer, onde de acordo com Rousseau: “O homem realmente livre faz tudo que lhe agrada e convém, basta apenas deter os meios e adquirir força suficiente para realizar os seus desejos” (1969, p.310).

A educação entra neste percurso que por manter em si o conceito de transformação ela pode contribuir para o encontro do ser consigo mesmo naquilo que ele é virtuoso, talentoso e perceber o seu lugar a partir dos seus atributos aprendendo o que é em si mais destacado e o que há em si de melhor, dons naturais elementos de vocação. Visto que nesse sentido a busca

de todos pela verdadeira vocação no decorrer da sua vida escolar é de destacável importância a partir do momento que passam a ouvir a clássica pergunta: O que você vai ser quando crescer?

Para o estudo foi feita uma análise interpretativa sobre o vasto pensamento de Nietzsche sobre o processo de tornar-se quem se é que vem de uma tarefa essencialmente prática um longo caminho a ser trilhado lentamente.

Com isso, foi proposta uma pesquisa a fim de conhecer sujeitos que estão em estabilidade de formação e como eles se dizem quem são mais precisamente como eles se tornaram quem são hoje e qual foi o papel da educação nesse processo.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Tornar-se quem se é para Nietzsche**

O filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) em seu pensamento retira a frase do autor grego Píndaro "Homem, torna-te no que és", ou seja, aproprie-se das forças que o constituem, tome parte no movimento de auto-superação em curso constantemente dentro de si.

Nietzsche filósofo da força, afirma que para o homem não deve existir nada que possa impedi-lo de ele se tornar quem ele que ser.

Em uma das passagens do livro *A Gaia Ciência*, no que se refere à liberdade do ser, ele faz uma crítica do que era considerada a liberdade, sobretudo a liberdade de pensamento:

Nos períodos mais longos e remotos da humanidade existia um remorso muito diferente do de hoje. Hoje, nos sentimos responsáveis pelo que queremos e fazemos, e temos nosso orgulho. Mas durante o mais longo período da humanidade a liberdade de pensamento era considerada a desgraça em si (NIETZSCHE, 2016, p. 204 e 205).

Para o filósofo, o ser humano é um ponto do universo onde uma enorme quantidade de forças se concentram e se atravessam e por fim transbordam. Por isso é preciso afirmar-se de tal modo que se possa ir sempre no limite de si, expandindo-se. O homem deve aumentar o número de horizontes, conjugar a verdade sempre no plural, criar e povoar desertos. Ele mesmo deve ser o porta-voz da multiplicidade. Porque, afinal, é disto que ele é feito (Apud TRINDADE, 2016).

O caminho da autodescoberta é complexo, e o filósofo educador Nietzsche, demonstra a existência de forças e de impulsos pessoais que escapam ao controle da razão ou da

consciência do indivíduo. Nietzsche busca delir os ídolos, ele procura romper com estruturas que a humanidade está ligada, ele defende um ser humano livre das amarras sociais que o prendem reprimendo todo e qualquer elemento de autodiminuição de valor do homem.

Quanto à sua perspectiva educativa, que conforme traz Peixoto:

O ato de educar para Nietzsche está inevitavelmente ligado às questões da existência e não apenas restrito a aspectos institucionais. O filósofo desenvolve o conceito de se tornar quem se é como foco primordial de sua concepção educativa (2013. p. 1).

A sua perspectiva educativa assumiu um posicionamento extremamente contrário a uma educação controladora disfarçada de propulsora da cultura, mas que na realidade, mantinha os jovens, nas instituições de ensino, à mercê dos interesses estatais, científicos e comerciais. Ou seja, a educação não valorizava o desenvolvimento individual era apenas para manter as massas e Nietzsche era contra a cultura de massas, assim como criticava muitas das instituições consideradas por ele opressoras das pessoas e de sua criatividade uma vez que inibia o surgimento de indivíduos mais fortes.

Nietzsche criticava um tipo de vida igualitário que por forças de ideias coletivistas enfraquecia o que era próprio no sujeito particularmente. A crítica seria em uma educação para o ser humano ser adaptado unicamente aos meios de produção (2003, p. 43).

No livro *Ecce homo*, de 1888 cujo seu subtítulo é: como se chega a ser o que se é mais precisamente como tornar-se aquilo que se é. Conforme Larrosa (2009), o termo associa-se a concepção da subjetividade, da singularidade, que é possível compreender como sinônimo de: ser tu mesmo, si próprio, único, idêntico a si mesmo.

Diferente do conhece-te a ti conforme mostrado em Sócrates, o torna-te o que és dá lugar a um inventa-te a ti mesmo:

A sentença alude ao devir, não ao *ser* ou a uma identidade, remete àquilo que passa não ao que permanece. A concepção educativa dessa interpretação visa à transformação, a mudança permanente do ser humano. A transformação remete do vir a ser, partindo do princípio de que não há nada de estável no ser humano e no mundo, por isso não se “forma” o ser humano, como é a pretensão de algumas tendências educativas tradicionais, isto seria um engessamento baseado em: Tornar-se o que se é consiste em educar-se na perspectiva da transformação constante, na desconstrução de valores considerados eternos em vista do estabelecimento de avaliações que emergem da força mais singular de cada um (PEIXOTO, 2013, p.4).

O processo educativo estaria ligado a um processo de transforma-se constantemente sendo assim a educação para tornar-se o que se é não busca o ser, mas o poder ser. Em outras palavras, atira o nosso leque de possibilidades, nos mostra a contínua criação do que é

próprio, a nossa capacidade de fazer e refazer o nosso caminho. Em termos educacionais, o conhece-te a ti mesmo da perspectiva socrática remete a consagração de um comportamento individual e socialmente esperado, algo pronto, finalizado, já a visão nietzschiana aponta para o poder ser, para a autoconstrução, por isso, ser o que se é, alude a um processo sempre inacabado.

Nietzsche elabora em torno da expressão, tornar-se o que se é, uma perspectiva do devir, de uma realidade que está em constante mutação, na qual o “mundo” e o próprio ser humano também fazem parte deste jogo. Dentro deste aspecto, compreendemos que o filósofo crítica todas as teorias que tentam enquadrar o ser humano e a própria vida dentro de determinados conceitos prontos (Peixoto, 2013 p. 6).

Em *Ecce Homo*, no capítulo cujo título é: Por que sou tão inteligente no parágrafo nove:

Chegar a ser o que se é supõe que não se duvide minimamente do que se é. Desse ponto de vista até mesmo os desacertos da vida tem seu sentido e seu valor próprios, precisamente como os descaminhos e os distanciamentos episódicos do caminho, as hesitações, os “pudores”, a seriedade dispensada a tarefas que se encontram da tarefa. Nisso pode se manifestar uma grande inteligência e até mesmo a inteligência suprema: lá onde nasce o *nosce te ipsum*: expressão latina que significa “conhece-te a ti mesmo” (NIETZSCHE, 1888, p.49).

Tornar-se o que se é pra Nietzsche remete a querer ser sempre mais, a ir além, a não estar restrito a doutrinas que são socialmente impostas, sem que tenhamos a devida consciência sobre as nossas próprias capacidades de potencializar a vida. Ser o que se é está no campo da transformação, da mudança, é uma forma de apontar a singularidade de cada ser humano para o que é mais próprio em cada um de nós e por isso, contém um aspecto educativo. Visa repensar toda uma forma de estar no mundo a partir da qual modelos impostos de fora nos foram apresentados como aqueles que deveriam ser absorvidos e ensinados.

O que Nietzsche propõe é que todo saber deve ter por suporte primordial o perguntar sobre si mesmo e a partir daí abrir espaço para a relação com o outro e com o mundo, o que pode levar o sujeito a romper com um modelo previamente estabelecido, deslocando o que se esperava que seguisse sendo, indo além de si <sup>mesmo</sup>.

As relações sociais exercem um papel de extrema importância na construção individual dos sujeitos, sobretudo influenciando as suas escolhas, seja através do núcleo familiar, escolar religioso ou qualquer outro grupo institucional.

Nesse sentido pergunta-se entender o que se é atualmente foi algo que se nasceu para ser? Como as relações sociais contribuem para esse processo? A subjetividade está ligada com a coletividade?

## **2.2 A Socialização na Construção do Sujeito**

As discussões que envolvem identidade e sujeitos primam pelas discussões de seu papel na sociedade.

Coforme Oswaldo Giacoia Jr (2004, p.203), o percurso que conduz alguém a tornar-se quem é não remete a uma busca interior, mas a uma abertura em direção ao exterior. Não é da ordem da introspecção, mas dos agenciamentos: tornamo-nos quem somos não por manifestar uma essência dada desde sempre, mas pelo encontro com a alteridade, pela forma como assimilamos as experiências, como assimilamos a diferença, como nos transformamos no embate com as circunstâncias.

Dessa forma a educação entra como um processo que contribui para a construção da formação do ser seja no âmbito escolar e social, não só a escola caracterizada por ser lugar da educação formal, mas por ligar os indivíduos as primeiras experiências da vida social. A escola sendo um dos primeiro núcleos de socialização. Esse primeiro grupo social vai desempenhar um papel muito importante na vida do sujeito, vai sendo feito um intercâmbio relacional, fazendo esse sujeito tomar consciência de sua unidade e subjetividade.

As discussões que envolvem identidade e sujeitos primam pelas discussões de seu papel na sociedade. Tanto filósofos, sociólogos e historiadores desenvolvem pesquisas que abordam o indivíduo e as relações sociais, à procura de respostas para ação no contexto de suas práticas sociais. Esta subjetividade está em constante construção; a formação da identidade depende de diversos fatores externos ao homem que entram em contato com ele por meio da experiência.

Segundo Hall (2006), a identidade é objeto da interação entre o indivíduo e a sociedade e que o sujeito tem sua essência interior, no entanto é a partir da relação com diversos mundos culturais que sua identidade se estabelece. O autor faz a seguinte afirmação a cerca da identidade:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – ente o mundo pessoal e o mundo público. O fato e projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL 2006, p. 10-12).

A subjetividade do ser está em constante construção e à formação da identidade depende de diversos fatores externos ao homem que entram em contato com ele por meio das experiências que possuímos ao longo de nossa existência.

De modo que a educação entra atuante nesse processo da descoberta de si do homem frente a sua formação tanto pessoal quanto profissional já que nesse sentido o resultado da formação será levar ao sujeito perante o processo de escolha da futura profissão. Ressaltando que as convivências sociais como um todo, são muito importantes para completar a formação. Além de tudo a educação é entendida como o processo de instrumentalização dos sujeitos para a sua humanização.

Na obra de Luc Ferry “O Que é o Ser Humano” o autor menciona que o animal não precisa de educação pra ser um animal, o homem precisa de educação para tornar-se homem (p. 24) daí a importância da contribuição de dedicados educadores para a formação de outros seres livres, autônomos e conscientes de quem são e de sua função no mundo.

A construção da identidade faz-se necessário ser um dos papéis da educação e dos professores que com seu potencial formador e conseqüentemente transformador, exercem um dos papéis mais significativos para a formação e transformação do ser.

### **3. METODOLOGIA**

O objeto em questão foi uma pesquisa de cunho qualitativo e trouxe a proposta em formato de currículo narrativo. Currículo no sentido da palavra “experiências”, mais precisamente: como foi às experiências dos educadores em questão até eles se tornarem quem são hoje.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e teve o objetivo de compreender os fenômenos através da coleta de dados com a entrevista narrativa, esta, deu ênfase as particularidades e experiências individuais dos sujeitos participantes. Outra justificativa pertinente para o uso da entrevista narrativa é por a pesquisa se tratar de elementos subjetivos dos participantes uma vez que:

a narrativa é considerada uma forma discursiva privilegiada para a compreensão das interpretações dos sujeitos entrevistados sobre si mesmos, o outro e o mundo (SILVA; PÁDUA, 2010, p. 105).

Através da narrativa, os sujeitos entrevistados expressam os acontecimentos de forma significativa e as marcas de sua autobiografia e experiências vividas.

A pesquisa foi realizada com professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE de áreas distintas. Esta foi concretizada na própria instituição. Cada entrevista teve duração de aproximadamente trinta minutos. Os professores ficaram cientes antes do início da entrevista que estas iriam ser gravadas e posteriormente transcritas, não houve objeção por parte dos participantes entrevistados. O convite foi feito pessoalmente para com os professores e a entrevista realizada, teve o papel do que foi proposto na pesquisa: como os professores narram o seu processo de se tornarem quem são, todo processo de formação pessoal e profissional até serem intitulados professores da referida universidade. Assim, foi possível saber a trajetória dos mesmos. A entrevista foi feita a fim de se ter uma resposta para o próprio título da pesquisa como os professores se tornaram quem são, qual foi o seu percurso prático, social e intelectual para a docência na UFPE.

Na coleta de dados conforme já citado, a entrevista narrativa foi o método utilizado com os sujeitos participantes. Para o percurso da entrevista, foram elaboradas algumas perguntas de forma que estas conduziram a entrevista à medida que os sujeitos narraram as suas experiências. A pergunta inicial foi: Como você narra o seu percurso de se tornar professor da UFPE?

As demais perguntas propiciaram uma narração rica em detalhes por parte dos participantes de modo que estas favoreceram a obter respostas por eles do que não foi dito na pergunta inicial. As perguntas elaboradas fizeram ter mais ainda a aproximação com o tema de estudo, necessariamente essas perguntas se fizeram para dar continuidade à narrativa, estas podem ser chamadas de perguntas imanentes, Moura define que são questões que se referem a temas que os narradores comentaram, mas nos quais não se aprofundaram e cujo interesse reside no fato de terem relação com a pesquisa (2017, p. 18).

A entrevista foi positiva de modo que com ela os participantes se sentiram a vontade para explicar a sua trajetória de estudos, social e acadêmica.

A potencialidade da entrevista narrativa está na possibilidade do entrevistado reconstruir a sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva. Outra vantagem da entrevista narrativa, ainda de acordo com Silvia e Pádua, é que:

A narrativa é uma forma dos seres humanos experimentarem o mundo, relatarem histórias sobre as suas vidas, e a pesquisa com a narrativa é uma forma de descrever essas vidas. (SILVA; PÁDUA, 2010, p. 110).

Esse mesmo modelo de entrevista consiste em deixar o entrevistado bem à vontade, sendo a pergunta inicial o mais aberta possível.

Este modelo de entrevista idealizado por Fritz Schütze (Apud. MOURA, et al.2017, p.6) é um dispositivo de produção e análise de dados para pesquisas que, pela sua peculiaridade na geração de textos narrativos, tem aproximações com abordagens (auto) biográficas e busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e/ou semiestruturadas. De acordo com Muylaert:

A entrevista narrativa permite o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com contextos sócio-históricos, e torna possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam e justificam as ações dos informantes. Sendo assim as narrativas mostram-se muito no estudo de abordagem qualitativa, uma vez que a narratividade é uma forma artesanal de comunicação cujo objetivo é veicular conteúdos a partir dos quais as experiências subjetivas podem ser transmitidas. (MUYLAERT, et.al. 2014)

Ao todo participaram três professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE para identificá-los, já que as suas identidades reais não podem ser reveladas estes foram intitulados como: Professor 1, Professor 2 e Professor 3. Todos eles de áreas diferentes sendo um de pedagogia, um de fonoaudiologia e outro de psicologia, esses mesmos com: faixa etária, sexo, formações (graduação) especializações (mestrado e doutorado) e tempo de docência na Universidade Federal de Pernambuco também diferentes, conforme mostra a figura abaixo:

Sujeitos	Idade	Sexo	Tempo de Profissão	Formação Acadêmica	Especialização: Mestrado	Especialização: Doutorado
Professor 1	50 anos	Masculino	12 anos	Psicologia	Psicologia Cognitiva	Educação
Professor 2	53 anos	Feminino	8 anos	Pedagogia	Filosofia da Educação	Política
Professor 3	45 anos	Feminino	9 anos	Fonoaudiologia	Psicologia Cognitiva	Psicologia Cognitiva

**Figura 1: Perfil dos Professores Entrevistados**

Após o recolhimento dos dados foi feita a transcrição de áudio de cada participante entrevistado inicialmente cada um com seus dados de identificação. Posteriormente foi feita a análise dos resultados.

No que se refere à análise da pesquisa com os dos dados coletados, foi realizado o método de análise narrativa segundo Silva e Pádua (2010, p. 112) “o trabalho de análise se inicia com a transcrição cuidadosa de cada entrevista e prossegue com o processo de leitura e releitura das narrativas em busca de categorias de análise.”

As categorias de análise foram divididas nas que emergiram uma maior significação na narrativa dos entrevistados, uma vez que nesses relatos os entrevistados expressaram maior sentimento e sensações que foram percebidos pelo pesquisador no momento da narração.

## **4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **4.1 Sobre as Narrativas**

Neste processo de análise das narrativas, estas foram divididas em três categorias das quais foram geradas com base nas perguntas das entrevistas e a partir da escuta atenta com a percepção do que foi mais evidenciado e que fez sentido para os sujeitos narradores além de estas atenderem aos objetivos da pesquisa. Sobre o processo de construção das categorias de análise, Silvia e Pádua apontam que:

“Este trabalho começa logo após as transcrições, na releitura do material, buscando identificar os principais aspectos apresentados nas narrativas e as possíveis categorias de análise” (SILVIA E PÁDUA, 2005, p. 113).

A partir disso se construíram as categorias e as subcategorias dentre elas foram: As pontes que me levaram a ser professor; Meu papel em ser professor e o Pertencimento com relação à profissão. Para cada categoria de análise foram criadas as seguintes categorias, para a primeira: As pontes que me levaram a ser professor: Infância, Família, Relações Sociais, Professores. Para a segunda categoria: Meu Papel em Ser Professor: Militância, Desafio. Para a terceira e última categoria: Pertencimento com relação à profissão: Paixão, Construção, Identificação.

Para o esclarecimento das falas dos personagens serão apresentadas aqui algumas das passagens da transcrição. Seguem as categorias:

### **1. AS PONTES QUE ME LEVARAM A SER PROFESSOR**

Nesta categoria, analisou-se como foi o processo de construção dos professores até chegarem ao seu exercício, no que se refere todo o percurso da formação.

#### **1.1 INFÂNCIA**

Como primeira subcategoria, a infância trata-se das primeiras impressões e vivências em mostrar interesse pela profissão por parte dos entrevistados. A infância evidencia-se na fala dos sujeitos das seguintes formas:

[...] pega assim a infância a infância é marcada por esse aspecto de brincar de escola ou estar brincando de escola sempre teve presente nesse cenário a gente morava no interior no interior da Paraíba da cidade de Patos e o bairro onde nós morávamos tinha uma confluência de educadores, de educadores de pessoas ligadas a movimentos sociais, o que acabava a gente sempre estando envolvido nesses processos com crianças mesmo lá ajudando os professores, ajudando os processos os processos de formação que eram trazidos para os bairros de periferia”.

[...] desde criança eu já estava envolvido nessas questões assim formativas e com muita gente ligada à escola os pais dos amigos as tias as pessoas do bairro tinham uma forte influência nesse âmbito de estar ligado a educação, então isso deixou uma marca de infância assim de estar criando escolas, de aulas para alfabetizar e de aulas para brincar de escola com os colegas na infância com dez onze anos a gente tinha um clube de leitura de história então sempre estava ligado a essa dimensão assim da educação de forma intensa. **(Professor 1)**

[...] desde criança eu já dava aula, colocava salto alto e saia (risos), já mostrava gosto, brincava de escola o tempo todo com as minhas amigas. **(Professor 2)**

[...] na minha infância eu gostava muito da escola, gostava de estudar e tinha uma relação boa com todos, era uma aluna aplicada, estudava, partilhava com outras pessoas o que sabia. **(Professor 3)**

Como podemos perceber em todas as falas foram trazidos aspectos da infância pelos personagens. Isso pode ser interpretado com a relação à construção do processo formativo do sujeito em ser na infância um dos primeiros momentos de interação destes nos meios que estão inseridos e nas oportunidades que lhes são oferecidas. Além da aquisição de habilidades que vão sendo construídas através destas vivências.

De acordo com Brougère (1997) as brincadeiras e os brinquedos são elementos que tem em si significados e ideologias.

Contudo há presente elementos iniciais de gosto pela profissão e funções da mesma.

## 1.2 FAMÍLIA

Com relação à família os três sujeitos entrevistados trazem em suas falas como este primeiro núcleo os influenciou ou os tolheu até chegarem a sua formação. Destacam-se as seguintes falas:

Como professor eu já venho de uma família que é ligada a área de saúde e também ligada à educação, uma família que tem assim uma marca de educação não formal muito intensa, voltada a movimentos sociais, então a partir dessa influencia sempre tive atrelado a educação de alguma forma, quer seja a educação formal quando alguém da família ia oferecer alguma intervenção alguma formação escola ou ligada aos movimentos sociais quando a família estava também envolvida com movimentos sociais então isso acabou provocando esse espaço conectado insistentemente no campo da educação. **(Professor 1)**

Essa escolha foi muito influenciada pela minha família, minha família tem muito professor, muito advogado e muito médico.  
[...] minha avó era professora, minha mãe professora, minha avó tinha escola então acho que tudo isso influencia na nossa decisão. **(Professor 2)**

[...] embora inicialmente eu pensei em fazer medicina aí meu pai como era médico eu tinha uma admiração pelo meu pai fui ver o que eu poderia fazer de interessante que pudesse lidar com o outro.

Eu era de uma família bem tradicional não é, e aí eu acho que tem esse lado de pensar será que você é capaz disso mesmo, você vai seguir a sua vida sua independência vai seguir o que você vai querer fazer.

[...] por ser conservadora machista a mulher não tem tanto valor na família, ninguém incentiva você: vá estude bastante, não é que dissesse nem não nem sim, mas não tinha aquele incentivo, eu já sentia isso ao longo da formação você já sente que você não tem e eu tenho dois irmãos homens não é eu sou a única mulher minha família é conservadora tradicional.

[...] as mulheres da minha família não eram valorizadas pelo próprio machismo entendeu, então se não era valorizada ninguém ficava vá para o mestrado eu decidir fazer e fui fazer o mestrado não tinha esse incentivo vá fazer, família é família tem um papel muito importante de incentivar você a fazer as coisas, mas eu achava distante da minha possibilidade de fazer muito mais pela a minha formação pelo fato de ser mulher que nega muito o seu poder não é. Sua autonomia como mulher, entendeu. **(Professor 3)**

Nas falas, fica clara a evidência quando se trata do primeiro núcleo de socialização da pessoa. A família teve sim grande influência na formação desses seres, em ressalva que foi tanto para eles serem como um ponto de partida tanto quanto para negar a possibilidade no que refere à liberdade de escolha.

Na fala expressada pela última personagem é evidente a existência de algo que iria tolher a sua possibilidade de crescimento pela mesma estar inserida em um núcleo em que a mulher de uma certa forma é limitada nas suas escolhas pela força do machismo considerando que a mulher não tem a necessidade de ser autônoma e de seguir as suas escolhas a partir das suas vontades.

### 1.3 RELAÇÕES SOCIAIS

Outra categoria de grande relevância para a construção da formação dos entrevistados foram as relações sociais conforme mostra as falas:

Sim, elas foram essenciais todo o meu processo formativo ele se constitui a partir das relações significativas com instituições e principalmente com pessoas, pessoas significativas que apoiaram esses processos de formação do nascimento do professor do nascimento do psicólogo, dessa expansão dessa relação professor psicólogo isso foi se expandindo, isso foi graças sem dúvida nenhuma as relações sociais, as relações estabelecidas nos vários âmbitos tanto âmbitos mais privados das relações familiares afetivas próximas como também âmbitos mais amplos, das lutas sociais então a escolha por uma psicologia social comunitária isso foi uma escolha fruto das relações sociais também de uma compreensão da psicologia também voltada para essas questões das discussões das relações de classe dos processos de formação relacionados também a pobreza ao pobre e essa relação com os pobres. **(Professor 1)**

Sim, com certeza, as minhas porque às vezes você tá no contexto que não é favorável as pessoas disputam muito, mas no meu caso não eu sempre tive amigas muito boas que me ajudaram na entrada da educação básica eu não sabia quase nada assim quando estava aqui na graduação. Meus amigos me ajudaram muito também até eu fazer o mestrado, sempre compartilhavam comigo os materiais de estudo e quando havia as provas, as seleções a gente sempre partilhava datas e materiais de estudo. **(Professor 2)**

Acredito que sim, a prática a experiência do dia a dia com as pessoas foi construindo, se construiu mais na própria universidade na questão da militância, a minha relação com os outros alunos despertou em mim essa parte de militante, um dos pontos que eu acho importante no ser professor. Eu sempre fui fazendo contatos com pessoas que foram me influenciando não é na minha formação acadêmica de pós graduação stricto sensu mestrado e doutorado e aí fiz o contato com o pessoal da universidade de Oxford fui fazer o sanduíche em Oxford já tive contato no mestrado eu tive uma co orientadora de fora de fora do mestrado. **(Professor 3)**

É perceptível nas falas trazidas que as relações sociais foram outro fator importante para a construção profissional dos personagens. Na fala do Professor 1 há uma junção que interliga as suas formações que foram despertadas por essas relações. Nas duas outras falas dos personagens há também uma significação presente na formação destes sobretudo quando se trata das trocas de experiências.

#### **1.4 PROFESSORES**

Outra categoria considerada indispensável para a formação dos mestres são os próprios mestres que estes tiveram ao longo da formação. Segue abaixo os trechos em isso foi mostrado:

[...] eu tive bons professores eu tive professores significativos ao longo da minha história que me fazem assim ter uma referencia positiva a cerca do ser professor.

[...] as imagens que eu tenho as identificações positivas com professores foram professores que eram bem realizados, pessoas que se sentiam bem nesse lugar de educador. **(Professor 1)**

Meus professores foram significativos para mim, posso considerar que foram forte influência até eu chegar ao mestrado. **(Professor 2)**

[...] minha professora lá disse você tem que fazer o mestrado você tem tudo para fazer o mestrado, ela dizia que eu não fosse trabalhar que eu fosse fazer mestrado ela sabe que eu deveria fazer logo o mestrado para ensinar.

[...] também influenciou para que eu fizesse o doutorado também assim ele dizia emende logo para o doutorado faça logo doutorado que é a universidade que vai lhe dar um emprego então é melhor você fazer logo você tem condições você é uma boa aluna ele sempre me incentivava que eu fosse direto para o doutorado porque muitas vezes você termina o mestrado e vai trabalhar ao longo do mestrado eu tive algumas experiências de ensino não é em faculdades particulares, as coisas iam surgindo eu achava que era bom para a minha experiência minha formação enquanto docente se eu quisesse entrar na universidade um dia não é aí no mestrado eu já terminei sabendo que eu ia fazer doutorado e que eu ia fazer doutorado sanduíche fora.

Minha co orientadora de fora de fora do mestrado e depois tive a co orientadora de Oxford e fiz o doutorado e daí durante o doutorado eu tive esse momento de ir para a universidade no exterior para a Inglaterra e para a universidade fiz contato com esse professor aí foi quando já no doutorado eu alinhei o pós doc. Aí de lá para cá desde o mestrado eu já achei que a minha vida era na universidade, assim que eu devia estar na universidade. **(Professor 3)**

Encerrando a primeira categoria de análise fica evidente que como todas as subcategorias apresentadas é perceptível como foi significativa a influência do educadores para os próprios educadores. O incentivo por parte dos mesmos conforme traz a fala do Professor 3 em querer que fosse buscado mais conhecimento para a sua formação. Na fala do professo 1 também fica claro quanto as identidades positivas dos educadores que fizeram parte do seu ciclo formativo e que possivelmente o inspirou querer ser igual a estes.

## **2. MEU PAPEL NO SER PROFESSOR**

Nessa categoria faz-se necessário destacar as falas em que os entrevistados trouxeram do papel que o professor exerce diante da sociedade, destacando-se as palavras que formam as subcategorias **militância** e **desafio**.

### **2.1 MILITÂNCIA**

Esta categoria engloba uma grande função do que representa para os entrevistados no que é ser professor. Abaixo os trechos das narrativas dos sujeitos:

[...] os pobres no nosso país são sistematicamente excluídos desses processos de formação mais qualificado, então o meu interesse como professor é pesquisar formas de resistência. Eu venho estudando resiliência venho estudando psicologia transpessoal formas de potencializar crescimento, potencializar transformação e resistência frente às adversidades.

[...] a gente tem um projeto um programa de extensão chamado observatório das periferias a gente já vem já fazendo pesquisas em periferias a mais de trinta anos antes mesmo de entrar na universidade eu já fazia pesquisas já fazia trabalhos com periferia na minha formação em psicologia eu fiz formação em psicologia comunitária já voltada para uma psicologia social uma psicologia voltada para o social desde daí eu continuo investigando nesse campo e hoje mantenho essas investigações atualmente a gente tem um observatório das periferias a gente tem feito dado continuidade aos estudos na comunidade do coque que é o nosso foco de ação onde a gente faz a maior parte das investigações. [...] a partir de relações significativas e de apoios eu vi que era possível, aconteceu comigo assim mudanças nos processos de crescimento que me levaram a ter acesso a educação acesso a esses lugares dentro da sociedade, então eu também acredito que isso seja possível com outras pessoas a gente ter uma melhor qualidade de vida para todos, então isso tem uma questão no cumprimento existencial de uma relação existencial, uma dívida. Na sociologia do Maciel Mozart ele diz assim: tem uma dívida é porque um dia eu recebi e hoje por ter recebido eu estou retribuindo, eu recebi esse benefício da sociedade que pagou o meu mestrado foi a sociedade quem pagou o meu doutorado foi a sociedade então eu me sinto compromissado quem paga o meu salário também é a sociedade então eu me sinto compromissado de encontrar formas que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida das pessoas. **(Professor1)**

Fui militante desde quando eu era estudante universitária. Acredito que seja uma das grandes práticas da função do professor. **(Professor2)**

[...] militante tem uma causa que eu milito que a questão da inclusão da criança do espectro do autista, das pessoas com deficiência, mas com o foco no autismo por uma demanda social não é, que eu vejo necessidade de fazer isso me sensibilizei achei que eu não podia estar na universidade sem ter um trabalho social, sem ter uma intervenção na sociedade, então assim está na universidade como professora para mim também é isso. **(Professor3)**

Com relação à militância, fica evidente ser uma das funções que se fazem presente no papel dos professores dentro da universidade. Em todas as falas os personagens mostraram como a militância está intrínseca a profissão onde os mesmos passaram nas falas e foi percebido pela entrevistadora que não é algo que para eles é imposto e sim exercido por vontade.

## 2.2 DESAFIO

O desafio da profissão também é um dos elementos compartilhados nas passagens, mas que para estes não pesa em sua função e sim é exercido pelos mesmos com compromisso.

Segue as falas:

Para mim tem um desafio na profissão a tentativa de compreender os humanos de compreender as relações de compreender como as pessoas se constituem como pessoas, como as pessoas se tornam pessoas a partir de suas relações então foi isso sempre foi algo que me instigou e ainda continua me instigando com bastante intensidade assim, hoje mais voltado para esse aspecto assim como que nas relações em sala de aula nas relações dentro da educação não formal a gente ajuda os processos de constituição subjetiva e como a gente pode potencializar processos de crescimento não é, e promover resistências e as formas de subjetivação.

[...] eu gosto de ser educador, mas hoje eu sinto um peso institucional nesse momento, um grande desafio, principalmente nesse momento social que estamos com uma sombra fascista, nazista, terrorista, pairando sobre as nossas cabeças eu tenho me preocupado porque eu tenho a clareza de que a universidade é o lugar que rapidamente é alvejada numa situação de intensificação desse processo, então se agente tem declaradamente uma intensificação por um projeto fascista a universidade vai assim sofrer como já vem sofrendo com o governo Temer tivemos retrocessos que a gente ainda não tem a dimensão do impacto disso dentro da universidade, mas isso já reverbera a gente tem um nível de evasão alta aqui no curso de pedagogia eu vejo um empobrecimento maior dos nossos alunos muitos com dificuldade que me preocupa enormemente. **(Professor 1)**

É um processo de construção de conhecimento né, um desafio, durante todo o processo de graduação a gente já vai se aproximando das nossas identidades profissionais digamos assim a gente vai se identificando com propostas com didáticas, com fundamentos e aos poucos essa prática vai ficando mais redonda e você consegue aprimorar ela não é aos poucos você vai aprimorando e a próprio processo de sala de aula leva você a uma renovação que a sala de aula exige estudos exige, exige mudanças às vezes de atitude, de metodologias até você conseguir realmente alcançar o bem estar entre professores e alunos, se tem um mal estar se tem uma falta de aprendizado se tem incompreensões esse processo não ta tão bom assim, então ao longo desse processo a gente vai repensando e vai atualizando os nossos conhecimentos vai participando de encontros de congressos que vai fazendo com que você vá aprimorando e enxergando melhor a prática docente e a função dessa prática. **(Professor 2)**

Não, não me vejo fazendo outra coisa, para mim é um desafio mas, não vejo sem ser professora eu acho que a gente se forma, cada dia mais eu tenho certeza que a gente se forma na prática no dia a dia na experiência com o outro o ensinar e o aprender ta totalmente interligado, tanto se ensina ao aluno como o aluno me ensina, não é, você ta sempre buscando estudando você ta sempre estudando algo é assim é um processo formativo que eu não consigo separar. **(Professor 3)**

O desafio para os professores é constante conforme trazem em suas falas é parte da reflexão dos mesmos na falas, o desafio de ensinar de aprender e pela profissão em si atualmente está em um contexto desfavorável como é relatado pelo professor 1.

### 3. PERTENCIMENTO COM RELAÇÃO À PROFISSÃO

Esta ultima categoria tem o papel de identificar nos entrevistados o sentido da profissão, o que é para eles ser professor.

#### 3.1 PAIXÃO

Paixão foi uma das sensações notáveis nas narrativas dos sujeitos. Seguem:

Sempre quis, sempre tive uma relação muito forte com psicologia a psicologia e a educação sempre foram as minhas paixões. Eu tenho prazer em ensinar. **(Professor 1)**

[...] um vazio imenso quando tira essa profissão de mim, é a minha paixão, mas assim eu não me vejo encaixada em outras profissões a não ser nas licenciaturas. **(Professor 2)**

Não, não me vejo fazendo outra coisa, não me vejo sem ser professora eu acho que a gente se forma, cada dia mais eu tenho certeza que a gente se forma na prática, exercer o que eu faço é uma das minhas paixões, uma das dimensões da minha vida. **(Professor 3)**

A partir dessas falas percebemos o quanto os entrevistados são apaixonados pelas as suas profissões e evidenciam esse sentimento que foi percebido pela entrevistadora.

#### 3.2 CONSTRUÇÃO

Essa subcategoria tem a finalidade de demonstrar quanto a natureza da formação, se para os entrevistados eles consideram que foi algo nato, intrínseco em suas vidas ou se foi algo adquirido conforme propõe uma das investigações da pesquisa. Abaixo os fragmentos:

Eu não diria nato, sem dúvida nenhuma eu fui aprendendo eu fui aprendendo assim que nessas relações significativas tem algo legal que se forma nesse encontro com o outro que se dá nesses encontros, então eu não vejo que isso seja nato. Isso para mim foi sendo aprendido dentro de uma relação dentro daquilo que são os meus desejos minhas expectativas meus sonhos, quais as possibilidades reais de oportunidades cotidiano no mundo vivido no mundo do dia a dia que impõe grandes desafios. **(Professor1)**

Não sei se seria algo nato porque eu nunca fiz outra coisa de repente aparece outra coisa a pessoa desenvolve melhor, mas no atual momento da minha vida eu digo que sim, mas a vida é uma caixinha de surpresa. **(Professor 2)**

Eu sempre acho que a gente desenvolve isso, você tem que ter algum germe alguma semente dentro de você que você vai desenvolver no contexto que lhe favoreça não é [...] apenas que desde que eu era mais nova eu sempre achava que eu devia ter a minha autonomia a minha independência que eu era muito podada em casa e isso me incomodava entendeu então aqui eu encontrei um meio de que deixar que isso se desenvolvesse o meu lado mais sensível atuante, autônomo independente eu fui mais questionadora e minha família conservadora me podava mesmo entendeu. **(Professor3)**

Por parte dos entrevistados no que se refere a natureza da sua profissão quando se trata de ser algo nato, em todas as falas estar presente que tudo foi aprendido por eles foi sendo construído, o que ficou explícito que não nasceram professores se tornaram, mas que existe uma semente que foi plantada pelo próprio ambiente familiar, pelas relações sociais vivenciadas e as oportunidades concretas, haja vista os mesmos estarem inseridos em lugares que os favorecera a cultivá-las até se tornarem quem são.

### 3.3 IDENTIFICAÇÃO

A última categoria não menos importante é a da identificação, nela buscou-se analisar como os entrevistados expressam as marcas de pertencimento no que fazem com relação à profissão. Em vista disso destacamos os fragmentos:

Sou professor, gosto de ser educador [...] Aqui eu pratico a minha militância dentro do espaço da universidade e fora dele também, posso lutar pelas causas sociais que eu acredito. E sim, as minhas relações sociais contribuíram muito para quem eu me tornei hoje, meu processo educativo também, venho de uma família de educadores. Tive as minhas dificuldades, talvez os jovens de hoje terão mais por conta do cenário político atual. Escolhi fazer o que faço por uma opção, pude conciliar a psicologia com a educação minhas duas paixões, me sinto realizado. Penso em uma educação que incentive a essa busca subjetiva não apenas para o ser escolher a sua profissão pelo mercado mas pela semente cada um possui e que deve plantá-la para se sentir pertencente. A educação como algo que deve possibilitar e não bloquear o ser, também não se deve na educação ligar a formação apenas para a profissão e esquecer o lado humano, não se pode educar só para um mercado, isso é um bloqueador do ser. **(Professor 1)**

Não me vejo fazendo outra coisa. Sendo professora descobrir a minha aptidão. Para ser o que sou hoje, houve toda uma construção, a busca por mais conhecimento dos problemas que me inquietavam durante a graduação me levou a querer estudar mais. Meus amigos e minha família me incentivaram muito a estudar mais. Tudo o que vivenciei na graduação foi natural para fazer o mestrado, sempre estive em um contexto favorável. A

vida acadêmica me deu outras possibilidades, que eu não conhecia, conseguir ser militante na graduação e também fazer parte de pesquisa. Meu percurso acadêmico me ajudou muito até a docência superior. **(Professor 2)**

Minha escolha inicial foi pelo meu pai que é médico, mas sentia vontade de trabalhar com a inclusão, não esperava nem fazer o mestrado, meus professores que foram me incentivando a fazer o doutorado também, para a minha família não importava tanto eu estar onde estou, porque no meu contexto como eu venho de família burguesa, no meu núcleo inicial de família pai e mãe eu era muito apagada, enquanto os meus irmãos tinham destaque e eu era apenas a menina bonita do meio [...]. Aqui eu reunir a minha vontade de fazer militância, minha preocupação com a inclusão, acredito que sempre tive essa semente que aqui foi brotada, principalmente aqui no Centro de Educação, existe uma grande identificação, aqui eu sou eu. **(Professor3)**

Nessa categoria fica evidenciado o quanto esses profissionais têm identificação nas suas atividades, o quanto elas foram adquiridas, o quanto essa identificação foi sendo construída no próprio processo de formar-se quem são, processo esse caracterizado pela busca por maior conhecimento para a sua prática e sua atuação. Nas falas há presença de pertencimento por parte dos entrevistados, ficando evidenciado por estes que eles se sentem eles mesmos no que fazem. Outro ponto destacável é a fala do Professor 1: “não se pode educar só para um mercado, isso é um bloqueador do ser”, isso faz lembrar uma das críticas do filósofo tratado na pesquisa com relação a educação de seu tempo, Nietzsche era contra a uma educação que privilegiava apenas para os interesses do estado, uma educação difusora de uma cultura que não favorecia no desenvolvimento do ser.

De uma forma geral é perceptível nas falas dos sujeitos que a sua formação profissional favoreceu a subjetividade dos mesmos e como a sua vida profissional favoreceu a estes se tornarem quem são. Ser professor /professora é parte indissociável de serem quem chegaram a ser.

Uma das falas que conteve mais sentimento no que se refere ao pertencimento e um encontro com a identidade é a do Professor 3: “ aqui eu sou eu”, nesse momento a personagem fala o seu nome ao invés do eu. É perceptível uma grande satisfação por parte dela devido a reinvenção que ela fez de si.

## **5. COSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com os dados coletados nas narrativas dos sujeitos pesquisados e com os estudos arroladas no referencial teórico, percebe-se a forte interferência das relações sociais no processo de construção dos sujeitos docentes, bem como as experiências são de extrema

importância na sua formação como seres humanos, além do forte papel do educador para essa consolidação, o que seria mais efetivo caso o profissional da educação tivesse condições de dar atenção às particularidades de seus alunos no sentido de favorecer o encontro com sua própria subjetividade. Afinal, nas falas dos personagens, ficou evidenciado como os seus educadores influenciaram o processo formativo dos mesmos.

Fica também pungente, na nas narrativas dos professores, além do que estes pensam sobre a educação, que esta deve ser para favorecer o ser humano o encontro de si, não só para o meio profissional, mas para a dimensão pessoal e existencial.

Dos profissionais entrevistados, o que foi evidenciado é que estes se sentem pertencentes no que fazem, não só pelo lugar que hoje ocupam, a universidade, mas, principalmente, pelo que eles são.

Ficou também esclarecido que o ser humano não é algo pronto, que as suas relações sociais e educativas como um todo são contributos estruturadores para esse processo.

Em vista disso é possível relacionar o que Nietzsche diz sobre a educação: que ela deve existir para instar o ser humano a alcançar o grau mais elevado que alguém pode atingir de si, que é *tornar-se si mesmo*. Além do que o tornar-se quem se é não implica algo como um “desenvolvimento”, um *telos* (um fim previamente elaborado a ser atingido, como na Paideia), mas, sim, uma problematização de si mesmo, um superar e romper modelos que estavam impostos a ser seguidos, problematização e deslocamento dos quais essa fala do professor 2 é emblemática: “(...) na minha família eu só precisava ser a menina bonita”. Fica evidente como foi superado o que era esperado pela família da entrevistada, o que supera é ela ter ido além desse conceito e quebrar o que está imposto.

Tornar-se o que se é não se trata de chegar a um ponto definitivo sobre o que seja o que seja o ser humano, mas assumir a vida como algo em fluxo, um trânsito, como uma força que se transforma sempre, num caminho a ser criado pelo próprio sujeito.

Os caminhos trilhados pelos entrevistados nem sempre foram assertivo e lineares, eles tiveram suas dificuldades que foram superadas, isso faz lembrar uma das afirmações de Nietzsche no livro *Ecce Homo: Como Se Chega a Ser o que se É* onde ele traz: “ até mesmo os desacertos da vida têm seu sentido e seu valor próprio”(2006, p.49).

O autor também indica o perigo de sermos dominados por forças externas a nós, controladoras de nossa autonomia e liberdade, o perigo de cada ser humano não ser capaz de traçar e trilhar o seu próprio destino.

A partir dessas reflexões nietzscheanas e das falas dos nossos sujeitos surgiram inquietações no pensar quanto à construção profissional das pessoas. Ao nos perguntarmos

sobre o que leva realmente às suas escolhas, surge uma preocupação com relação às que não têm uma oportunidade em se formar no campo profissional, quando alguém trabalha apenas para atender um mercado meramente preocupado apenas com a força de trabalho, o que leva a pensar como as pessoas significam as suas atividades quando não há pertencimento por parte delas, em que não há um encontro consigo mesmas em seus exercícios, quando elas não enxergam um sentido no que fazem, o que elas vão se tornando a partir disso, sobretudo quando essas pessoas estão inseridas em um meio social que não as fazem despertar e quando as suas experiências não as favorecem em um crescimento.

Aqui, cabe uma breve reflexão sobre a experiência do trabalho como constituição dos sujeitos. A palavra trabalho vem do latim *tripalium* que significa castigo. (Dicionário Etimológico). A própria origem da palavra é bem pertinente ao seu significado, pois muitas pessoas que o tem como exercício não encontram prazer e muito menos identificação no que fazem. Isso é um fator agravante para o ser humano devido a esse ser um uma causa de não gostar do que faz escravizante do ser e que o bloqueia.

O sistema capitalista exige que se tenha a prática de uma atividade remunerada que mantenha o sustento da pessoa na sociedade. Há muitos que não se identificam com a atividade que exercem fazendo do trabalho conforme Nietzsche trazia um veneno:

Os trabalhadores deste tipo foram envenenados. Tiveram os instintos individualizantes destruídos. Tornaram-se massa. Não podem chegar a ser eles mesmos. Não têm como saber que a sua existência é intelectualmente miserável e eticamente injusta. Foram instruídos para serem escravos, não educados para serem senhores (1983, p. 34).

O trabalho nesse sentido seria um veneno contra a individualidade bloqueando o ser tendo dele uma força que o escraviza, fazendo com que este espere algo que venha de fora impedindo que sejam senhores deles mesmos. Nesse sentido a atividade exercida estaria ligada a uma força que faz a pessoa não pertencente a si mesmo, mas a outro.

Por outro lado, existem pessoas que na sua prática obtêm muita satisfação e prazer no que exercem onde ressignificam a ideia da palavra trabalho, estes fazem de seu ofício parte de si, cuja identidade se liga com o trabalho que fazem. É o caso dos docentes que na jornada desta pesquisa conhecemos. Como vimos, seu ofício se torna não só parte da vida, mas uma parte de si mesmo quando fazem aquilo que os agrada sendo também eles mesmos no exercício de sua profissão. No momento das entrevistas foi possível sentir a emoção nas falas dos mestres entrevistados, o encontro que eles tiveram em seus lugares em que hoje atuam, são seres que se sentem felizes no que fazem, não só para atender um mercado que de certa forma escraviza, mas para o trabalho ser uma prática de mostrar-se o que se é. O trabalho

como um dever prazeroso e não desgastante. Quando se faz o que se gosta, a experiência do exercício do trabalho pode ser a de favorecer o encontro do sujeito consigo.

Certamente tudo isso surge como inquietação para outras pesquisas, perspectivas abertas pelo estudo que agora concluímos e que nos apontou, entre outras coisas, que o trabalho docente é parte do próprio processo de subjetivação dos sujeitos docentes.

## 6. REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

**DICIONÁRIO ETMOLÓGICO.** Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018, 16:35:10.

FERRY, Luc. VINCENT, Jean-Didier. **O que é o Ser Humano. Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia**. Tradução de Lúcia Matilde Endlich Orth. Petrópolis/ RJ. Editora Vozes, 2011,228p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002/2006.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MOURA, Jónata Ferreira; NACRATO, Adair Mendes. **A ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetória de professoras**. Cad. Pes., São Luís, v. 23, n. 2, jan./abr. 2017.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI, Vicente Jr.; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim Neto; REIS, Alberto Olavo Advincula: **Entrevistas Narrativas: Um Importante Recurso Em Pesquisa Qualitativa**. Artigo Original. Revista Escola Enfermagem USP, 2014 p. 193-199

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência 1882**: Tradução: Inês A. Lohbauer, Martin Claret, 2016 - São Paulo.

NIETZSCHE, Friedrich, **Ecce Homo: Como Se Chega A Ser o que se é**. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich, **O Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Escala, 2006 p.34

PEIXOTO, Enock da Silva. **Friedrich Nietzsche: a educação como um percurso para tornar-se o que se é**. III CONEDU Congresso Nacional de Educação.

ROCHA, Silvia Pimenta Veloso. **Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação, Nietzsche e os gregos**, V Simpósio Internacional de

**Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro** (Unirio), 2004, p. 267-278.

SILVA, T. T.; HALL, S, WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Santuza Amorim da.; PÁDUA, Karla Cunha. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro de. **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 105-125.

TRINDADE, Rafael. **Nietzsche, Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2016/01/20/nietzsche-torna-te-quem-tu-es/>. Acesso em: 26 de maio de 2018, 18:15:25.